

DESAFIANDO LIMITES: PROTAGONISMO FEMININO E BUSCA POR LIBERDADE EM *FILOSOFIA DE UMA MULHER MODERNA E HÁ-DE HAVER UMA LEI*, DE MARIA ARCHER

CHALLENGING LIMITS: FEMALE PROTAGONISM AND THE QUEST FOR FREEDOM IN *FILOSOFIA DE UMA MULHER MODERNA AND HÁ-DE HAVER UMA LEI*, BY MARIA ARCHER

DESAFIANDO LÍMITES: PROTAGONISMO FEMENINO Y BÚSQUEDA DE LIBERTAD EN *FILOSOFIA DE UMA MULHER MODERNA Y HÁ-DE HAVER UMA LEI*, DE MARIA ARCHER

 Pablo Emmanuel Araújo Dias<sup>1</sup>

 Ana Paula Santos Silva<sup>2</sup>

1. Graduação em Letras – Inglês (UEPB). Mestrado em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). E-mail: [tipabloemmanuel@gmail.com](mailto:tipabloemmanuel@gmail.com)
2. Graduanda em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande/PB. E-mail: [imanapaulas@gmail.com](mailto:imanapaulas@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo se concentra em analisar duas obras da escritora portuguesa Maria Archer: *Filosofia de Uma Mulher Moderna* (1950) e *Há-de haver uma lei* (1949), com o objetivo de destacar e examinar o papel central das personagens femininas em busca de liberdade intelectual, física e sexual, dentro de um contexto de uma sociedade permeada pelo machismo. Para compreender esse protagonismo, conduziu-se uma análise das personagens femininas em diversas novelas de Archer, revelando a situação da mulher em um sistema hegemônico, coercivo e patriarcal, que perpetua dinâmicas de poder, submissão, opressão e violência. Nesse processo, utilizaram-se os estudos de Bourdieu (2002) e Lipovetsky (1997) como base teórica, abordando tópicos relacionados à dominação masculina, feminismo e ao empoderamento das mulheres. Ao longo dessa investigação, tomou-se evidente que as personagens femininas estão em constante luta por liberdade. Contudo, devido à opressão presente no contexto das obras, torna-se difícil alcançar plenamente essa liberdade nos aspectos intelectual, físico e sexual. Em suma, as personagens enfrentam obstáculos complexos e arraigados, pois a sociedade retratada nas obras limita sua capacidade de conquistar uma liberdade completa e abrangente.

**Palavras-chave:** Personagem feminina; Maria Archer; Literatura portuguesa; Novelas.

Recebido em: 16/10/2023

Aprovado em: 10/12/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

**ABSTRACT:** This article focuses on analyzing two works by Portuguese writer Maria Archer: *Filosofia de Uma Mulher Moderna* (1950) and *Há-de haver uma lei* (1949), aiming to highlight and examine the central role of female characters in the pursuit of intellectual, physical, and sexual freedom within a society permeated by sexism. To understand this protagonism, an analysis of female characters in various novels by Archer was conducted, revealing the status of women in a hegemonic, coercive, and patriarchal system that perpetuates power dynamics, submission, oppression, and violence. In this process, the studies of Bourdieu (2002) and Lipovetsky (1997) were used as a theoretical foundation, addressing topics related to male domination, feminism, and women's empowerment. Throughout this investigation, it became evident that female characters are in constant struggle for freedom. However, due to the oppression present in the context of the works, achieving full intellectual, physical, and sexual freedom proves challenging. In summary, the characters face complex and ingrained obstacles as the society depicted in the works limits their ability to attain complete and comprehensive freedom.

**Keywords:** Female character; Maria Archer; Portuguese literature; Novels.

**RESUMEN:** Este artículo se centra en analizar dos obras de la escritora portuguesa Maria Archer: *Filosofia de Uma Mulher Moderna* (1950) y *Há-de haver uma lei* (1949), con el objetivo de destacar y examinar el papel central de los personajes femeninos en la búsqueda de la libertad intelectual, física y sexual dentro de un contexto de una sociedad impregnada de machismo. Para comprender este protagonismo, se realizó un análisis de los personajes femeninos en diversas novelas de Archer, revelando la situación de la mujer en un sistema hegemónico, coercitivo y patriarcal que perpetúa dinámicas de poder, sumisión, opresión y violencia. En este proceso, se utilizaron los estudios de Bourdieu (2002) y Lipovetsky (1997) como base teórica, abordando temas relacionados con la dominación masculina, el feminismo y el empoderamiento de las mujeres. A lo largo de esta investigación, quedó claro que los personajes femeninos están en constante lucha por la libertad. Sin embargo, debido a la opresión presente en el contexto de las obras, lograr una libertad plena en los aspectos intelectual, físico y sexual resulta difícil. En resumen, los personajes enfrentan obstáculos complejos y arraigados, ya que la sociedad retratada en las obras limita su capacidad para alcanzar una libertad completa y abarcadora.

**Palabras-clave:** Personaje femenino; Maria Archer; Literatura portuguesa; Novelas

## DESAFIANDO NORMAS E REDEFININDO PAPÉIS: o protagonismo feminino na obra de Maria Archer

No início do século XX, Maria Archer se destacou como uma voz poderosa na literatura portuguesa, apesar de ser frequentemente subestimada pela crítica contemporânea. Além de suas contribuições em revistas e jornais renomados, Archer deixou sua marca através de romances, novelas e peças teatrais, abordando uma ampla gama de temas que incluem a condição da mulher, a dinâmica familiar, a história de Portugal, o colonialismo e a educação.

Archer, alinhada ao conceito de mimesis, sobressai-se ao explorar a posição da mulher na sociedade e na família, oferecendo em suas obras um retrato de uma sociedade em evolução. Nestas narrativas, a mulher aspira tornar-se protagonista e desafiar o domínio masculino.

O foco de nossa análise está nas novelas escritas por Maria Archer entre 1949 e 1950, onde as personagens femininas emergem como protagonistas, buscando liberdade em todas as esferas de suas vidas. Embora enfrentem barreiras persistentes, essas mulheres permanecem resilientes, procurando maneiras de conquistar espaços e vozes em ambientes que as restringem, muitas vezes relegando-as ao papel de donas de casa. Nosso estudo se concentra especificamente em duas de suas obras: *Filosofia de Uma Mulher Moderna* (1950) e *Há-de haver uma lei* (1949), onde examinamos como Archer retrata suas personagens, desconstruindo o estereótipo da mulher inserida numa sociedade ainda opressiva.

As novelas selecionadas para este estudo fazem parte de duas obras distintas: *Filosofia de Uma Mulher Moderna* (1950) e *Há-de haver uma lei* (1949). Em *Filosofia de Uma Mulher Moderna*, utilizamos as novelas *Up do date*, *Dez raparigas alentejanas*, *Sujeição* e *Preconceito da alta-burguesia portuguesa*. Já na coleção *Há-de haver uma lei*, concentramo-nos na novela *O Inglês*.

Essas narrativas revelam dois tipos distintos de mulheres: aquelas que aderem ao modelo machista e reduutivo, perpetuando o patriarcado, e aquelas que, após receberem uma educação progressista, conscientemente se engajam em moldar suas próprias vidas de forma diferente. Essa nova mulher, conforme descrito por Alda Correia<sup>1</sup>, busca individualidade e anseia realizar seu potencial em igualdade com os homens. As reflexões de Gilles Lipovetsky em *A terceira mulher* (1997) enriquecem nosso entendimento sobre a mulher protagonista, sua incansável busca por igualdade e seu papel no panorama social.

Ao considerar os estudos de Lipovetsky, ampliamos nosso escopo de discussão sobre a mulher em destaque, sua persistente luta por igualdade e espaço na sociedade. A ideia da "terceira mulher" enriquece nossa reflexão sobre o futuro da feminilidade e das lutas femininas. As diversas considerações feitas neste

---

<sup>1</sup> CORREIA, Alda Maria Jesus, **Imagens da nova mulher no conto**, *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, 6-8 de maio de 2001, Lisboa, FCT/FCSH, 2001, pp. 11-20.

estudo visam aprofundar nossa compreensão das batalhas das mulheres e cultivar empatia, lembrando-nos de que essas questões, presentes tanto na sociedade quanto na literatura, atuam como alertas e esforços para equilibrar a sociedade em que vivemos.

Este estudo segue um trajeto de discussão que começa abordando a escrita de Archer e o silenciamento que ela enfrentou em Portugal. Destacamos momentos de sua trajetória que evidenciam sua constante luta como mulher e escritora, transmitindo, entre as linhas de sua obra, reflexões sobre a sociedade da época e a necessidade de abordar temas que também abrangem a liberdade. Em seguida, exploramos a "dominação masculina" e o papel das mulheres como protagonistas numa sociedade opressiva. Nesse contexto, recorreremos a teorias perenes que nos auxiliam a compreender o embate entre a dominação masculina e o protagonismo das personagens em busca da liberdade. Por fim, analisamos as novelas *Filosofia de Uma Mulher Moderna* (1950) e *Há-de haver uma lei* (1949), examinando a representação da mulher e sua busca por liberdade intelectual, física e sexual.

### **MARIA ARCHER: desafiando convenções e narrando a história através da literatura**

Romancista e dramaturga, Maria Emília Archer Eyrolles Baltazar Moreira, nascida em Lisboa em 1899, ergue-se como uma figura multifacetada no cenário literário e jornalístico. Sua vasta obra abarca uma variedade de gêneros e tópicos, traçando um retrato vivo das sociedades que ela explorou. Filha de João Baltazar Moreira Junior e Cipriana Archer Eyrolles Baltazar, Archer desempenhou papéis diversos em sua vida pessoal e profissional.

Casou-se em 1921 com Alberto Teixeira Passos, uma união que durou cinco anos até a turbulência do Estado Novo e a subsequente crise levarem a uma mudança para Faro. Demonstrando sua busca por independência, ela se divorciou em 1931 e partiu para Angola no ano seguinte, onde começou sua trajetória literária. Em parceria com Pinto Quartim Graça, publicou seu primeiro livro "Três Mulheres" (1935), antes de retornar a Portugal. Rendendo-se à carreira literária, ela encontrou sustento através de suas contribuições para jornais e suas próprias obras, algumas das quais atingiram até sua terceira edição.

A produção literária de Archer absorve suas experiências pessoais, permeando suas personagens com nuances de sua própria vida. Seu romance *Aristocratas* (1945) a distância de sua própria família, retratada nas páginas da obra. No entanto, suas contribuições transcenderam a ficção, uma vez que ela também era uma cidadã atenta às questões sociopolíticas de seu tempo.

Juntou-se ao Movimento de Unidade Democrática (MUD) em 1945, um grupo de oposição ao regime salazarista, e a censura logo começou a afetar suas obras. Seu romance *Casa Sem Pão* (1947) foi apreendido e, em 1953, ela assistiu ao julgamento do capitão Henrique Carlos Galvão, um contestador da

ditadura salazarista. No Brasil, onde migrou em 1955 por razões financeiras, Archer continuou a escrever para jornais, contribuindo para *O Estado de S. Paulo*, *Semana Portuguesa* e *Portugal Democrático*, entre outros.

Durante sua estadia no Brasil, ela publicou cinco livros, incluindo *Os Últimos Dias do Fascismo Português* (1959), que surgiu a partir de suas observações nas sessões do julgamento. Archer mostrou-se uma escritora prolífica, navegando por diversos gêneros, como narrativa, drama, literatura infantojuvenil, crônicas, epístolas, ensaios, biografias e reportagens. Seus dons de inteligência, observação e expressividade constituíram armas poderosas em seu engajamento político.

Maria Archer, como escritora, transcende as barreiras do tempo, capturando as complexidades inerentes à natureza humana. Ela não apenas se mantém como um memorial crítico de um passado opressivo e restritivo, mas também como uma voz que destemidamente desafia as convenções, expondo as disparidades e preconceitos de sua época. Seu legado se estende pela literatura e pela história, iluminando um Portugal enredado em tradições antiquadas e desigualdades profundas, e destacando a coragem de indivíduos que se recusam a ser silenciados.

## **DESVENDANDO O PROTAGONISMO FEMININO: lutas por liberdade intelectual, física e sexual na sociedade**

Para compreender o lugar e o protagonismo das mulheres na sociedade, é necessário explorar a história da mulher em sua totalidade, considerando a formação de sua identidade, suas interações sociais e, acima de tudo, seu papel no contexto familiar. Este trabalho não se propõe a uma análise histórica ou epistemológica, mas sim a focar no protagonismo feminino e na busca das personagens pela liberdade intelectual, física e sexual.

Iniciando a discussão, é relevante ponderar sobre a imagem tradicional da mulher dominada, frequentemente descrita como um ser inferior subjugado espiritual e fisicamente pelo poder masculino. As estruturas de domínio masculino, como discutido por Bourdieu (2002), têm suas raízes em esquemas profundamente enraizados na sociedade, perpetuados por agentes específicos, instituições como família, igreja, escola e Estado, usando ferramentas como a violência física e simbólica para sua manutenção.

A perspectiva de Bourdieu sobre a "dominação masculina" suscita reflexões pertinentes à nossa análise e reforça a necessidade que as mulheres sentiram de superar desafios que, infelizmente, ainda persistem em nossa sociedade - desafios como violência, opressão e subjugação.

Bourdieu encara a "dominação masculina" primordialmente como uma forma simbólica de violência. Sob essa concepção, o poder reside na imposição de significados, ocultando as relações de poder

subjacentes. Ele argumenta que essa dominação não é biológica, mas uma construção arbitrária do biológico, que fundamenta as divisões sexuais aparentemente naturais. Escolas, famílias, igrejas e estados ratificam essa ordem:

[...] A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais, é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculino, e longos períodos de gestação, femininos [...] (BOURDIEU, 2014, p. 22-24).

A sociedade é moldada como uma vasta máquina simbólica que reforça a dominação masculina: a divisão sexual do trabalho, a atribuição estrita de atividades a cada gênero, a demarcação dos locais e momentos de cada sexo, a estruturação do espaço e do tempo. Nesse panorama, as mulheres, dirigidas por uma cultura e tradição social masculina, foram historicamente confinadas a papéis domésticos e de submissão, enquanto o homem assumia domínio na religião, política e esferas culturais.

Por muito tempo, a cultura machista ditou o cenário, relegando as mulheres a um papel inferior e restringindo-as à esfera doméstica e à submissão, tanto na família quanto na sociedade. Sob esses valores, as mulheres eram desprovidas de voz e oportunidade para participar de decisões cruciais, incluindo aquelas relacionadas a seus próprios corpos.

Essas compreensões das mulheres subjugadas servem como base para reflexões mais profundas sobre a busca por liberdade, seja ela intelectual, física ou sexual. Autoras como Adichie (2019)<sup>2</sup> defendem a necessidade de discutir a conduta da mulher sem anular sua identidade para corresponder às expectativas alheias. A luta pela liberdade e igualdade é uma resposta aos estereótipos de masculinidade. No entanto, a sociedade, impregnada de patriarcado, perpetua a ideia de que as mulheres não podem exercer determinadas funções e ocupar posições de poder.

Essas reflexões nos conduzem a compreender que o protagonismo feminino é uma busca emancipatória e igualitária, uma tentativa de reconfigurar uma sociedade patriarcal que subordina e inferioriza. As mulheres buscam a liberdade para redefinir suas trajetórias, participar plenamente na comunidade e romper com os estereótipos impostos.

A independência das mulheres é um fator crucial para sua emancipação, emponderando-as a agir como agentes do desenvolvimento, influenciar o mundo e desempenhar um papel ativo na sociedade.

---

<sup>2</sup> ADICHIE, Chimmanda Ngozi. **O perigo de uma História única**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

Archer, como autora, habilmente infunde essas ideias em suas narrativas, transformando-as em potentes agentes de transgressão e defesa.

O grito pela liberdade, emergindo das amarras da opressão masculina, é a busca das mulheres por independência. Esse protagonismo, tão central para a busca por liberdade, está encapsulado nas obras que este estudo aborda. As personagens dessas obras anseiam por essa liberdade. O próximo tópico aprofundará essas discussões para um entendimento mais abrangente das ideias que defendemos.

### **FILOSOFIA DE UMA MULHER MODERNA E HÁ-DE HAVER UMA LEI: em busca da liberdade**

Na sociedade portuguesa dos primeiros anos do século XX, o processo de educação das meninas estava majoritariamente nas mãos das mães, que, por sua vez, traziam consigo uma história de opressão e submissão. Essas mães, moldadas por um contexto dominador, tendiam a transmitir às filhas as mesmas normas que haviam sido impostas sobre elas. A partir desse ponto, surge uma ponderação de Bourdieu, que observa que "os oprimidos aplicam categorias construídas a partir da perspectiva dos opressores às relações de dominação." (2002, p. 23). Nesse sentido, a filha muitas vezes se torna um reflexo da mãe. A educação transmitida pela mãe cria padrões de ação e pensamento, os quais Bourdieu denomina de *habitus* que são então perpetuados de uma geração para outra de maneira quase instintiva e inconsciente.

A formação das jovens é moldada pelas mães, que as orientam para uma educação tradicional. Especificamente, nas camadas sociais mais privilegiadas, as meninas recebem instrução no "piano e francês", conforme destaca Archer (1950, p.91), concentrando-se predominantemente em habilidades associadas à gestão doméstica. No caso de *Up do date*, por exemplo, a personagem Bia demonstra habilidades notáveis em "dirigir as empregadas, cozinhar, fazer doces, bordar. As senhoras da família a elogiavam" (1950, p.91). Essa abordagem educacional busca preservar e perpetuar uma estrutura de submissão que relega as mulheres a um papel de classe subordinada, confinando-as ao ambiente doméstico.

No entanto, mesmo quando se observa algum protagonismo nessas situações, esse papel é restrito a um âmbito limitado. A personagem encontra-se confinada a um contexto que a limita ao trabalho doméstico, cuidado da casa e das empregadas, privando-a, por consequência, da liberdade para se envolver em outras atividades, como estudos, escolhas de vestimenta e a liberdade de sair e agir de acordo com seus desejos. Essa limitação evidencia uma dualidade nas expectativas da sociedade em relação às mulheres, permitindo-lhes certa autonomia, mas mantendo-as, ao mesmo tempo, aprisionadas a um papel predefinido e restringido. Este contexto educacional tradicional, portanto, não apenas reflete a subjugação das mulheres, mas também ressalta a urgência de desafiar e redefinir essas normas restritivas para alcançar uma verdadeira igualdade de oportunidades.

Na novela *Dez raparigas alentejanas*, o narrador destaca a importância de proporcionar educação às filhas, ressaltando a necessidade de serem "prendadas, porém virtuosas, destinadas a serem as senhoras do lar acima de tudo". Para garantir tal educação, uma mestra de Beja é contratada para elas (1950, p. 232). Ao mesmo tempo, contrastando com essa visão, a narrativa ilustra a educação concedida ao sexo masculino: "Os rapazes, os irmãos, frequentavam Lisboa e Coimbra para seus estudos, aparecendo em casa somente durante as férias" (1950, p. 232-233). Observando a situação à luz das teorias de Bourdieu, fica evidente que os rapazes passam por um "rito de separação" (2002, p. 17), cujo propósito é "libertá-los da influência materna e promover sua gradual masculinização, incentivando e preparando-os para enfrentar o mundo exterior" (2002, p. 17). Essa separação entre os sexos contribui para a imposição de papéis pré-determinados para cada gênero, fortalecendo as noções de machismo. Além disso, ressalta-se que os homens desfrutam da liberdade e do desejo de deixar o ambiente familiar, enquanto as mulheres permanecem submetidas e confinadas às tarefas domésticas.

Enquanto os rapazes conquistam a independência por meio da distância que os separa de suas mães, as mulheres jovens permanecem aprisionadas por uma educação que as impede e as afasta da liberdade. A figura materna, responsável por sua educação e formação em diversas áreas da vida, acaba se tornando uma espécie de guardiã da própria filha. Conforme argumentado pelo psicanalista Erik Erikson (1980)<sup>3</sup>, ao contrário dos rapazes que rapidamente desenvolvem a consciência das diferenças de gênero, as jovens só podem alcançar esse nível de consciência ao cortarem os laços com aquela que reflete e representa sua própria imagem, ou seja, a mãe. Nesse contexto, a educação das mulheres torna-se um fator crucial na perpetuação das normas de gênero e na manutenção de uma sociedade que limita as oportunidades femininas, reforçando a necessidade de reavaliação desses padrões educacionais restritivos.

Apesar da maioria das personagens femininas continuarem perpetuando os padrões tradicionais que lhes foram ensinados, algumas protagonistas adquirem uma consciência aguçada da submissão e servidão em que estão envolvidas. Em *Sujeição*, a personagem Maria da Luz, originária de uma família humilde, mas que ostenta um "prestígio significativo de respeitabilidade, educação e posição social" (1950, p. 97), a narradora observa: "Submissa à mãe, submissa à família, sujeita aos preconceitos do seu mundo, uma moça bem-educada segundo regras antiquadas, Maria da Luz jamais havia percebido até então que vivia em uma espécie de servidão." (1950, p. 101). Esses excertos revelam que, apesar das correntes de submissão e opressão que as aprisionam, as personagens femininas estão plenamente conscientes das circunstâncias a que estão submetidas. De acordo com Bourdieu, somente a força simbólica das estruturas de dominação permitiria a conquista da liberdade.

---

<sup>3</sup> ERICKSON, E. H. *Identity and the life Cycle*. New York: Norton, 1980.

Na envolvente narrativa de *Sujeição*, observamos as diversas formas de domínio exercidas tanto pela mãe quanto pela sociedade sobre a vida e o pensamento da personagem Maria da Luz. Imersa na incapacidade de rejeitar o padrão tradicional estabelecido, ela se vê compelida a aceitar um casamento como uma aparente fuga e libertação. O narrador relata que a personagem concebeu o casamento como uma tentativa de libertar-se, chegando ao ponto de manter um relacionamento sem amor com um dos rapazes do escritório (1950, p. 102). Contudo, a personagem acaba mergulhada em uma dual dominação, incapaz de romper os laços com a mãe e, conseqüentemente, permanece infeliz. Mesmo diante disso, Maria da Luz persevera em manter as aparências, representando a farsa do casamento. Aos domingos, ela e o esposo jantam na casa da mãe, buscando evitar qualquer rumor escandaloso perante a vizinhança (1950, p. 104).

Essa representação poignante das pressões sociais sobre Maria da Luz não apenas ilustra a limitação da liberdade individual e das escolhas das mulheres naquela época, mas também destaca as complexidades das expectativas de gênero e dos papéis prescritos na sociedade. A personagem, embora possua uma percepção latente de sua situação de submissão, encontra-se incapaz de se libertar completamente das estruturas que a mantêm enredada. Este retrato nos convida a refletir sobre como as noções de liberdade individual muitas vezes são moldadas e restringidas pelas normas sociais e pelas relações de poder existentes.

O dilema de Maria da Luz ressoa como um eco das contradições enfrentadas por mulheres na sociedade retratada. A dual dominação, tanto da mãe quanto do sistema social, destaca a complexidade de desafiar as normas preestabelecidas. A persistência da personagem em manter as aparências, mesmo quando consciente de sua insatisfação, ressalta a intensidade das pressões sociais e o temor de julgamentos que moldavam as escolhas das mulheres naquela época.

Ao contemplar a narrativa de Maria da Luz, somos levados a uma profunda reflexão sobre como as histórias individuais ecoam os dilemas mais amplos de uma sociedade restritiva. A análise de casos específicos, como o de Maria da Luz, permite uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de poder de gênero, reforçando a importância contínua de desafiar e transformar essas estruturas opressivas para promover uma verdadeira igualdade de oportunidades e liberdade individual.

É imperativo ressaltar que a sociedade portuguesa na época da obra manifestava uma aversão marcante ao divórcio, como ilustrado de forma vívida em *Preconceitos da alta-burguesia portuguesa*. Nessa narrativa, a personagem D. Maria do Resgate recusa-se a reconhecer seus netos provenientes do casamento de seu filho com uma mulher divorciada (1950, p. 147). A mulher que havia passado pelo divórcio não apenas enfrentava a rejeição por parte da família, mas também estava sujeita ao ostracismo social e eclesiástico. O divórcio, nesse contexto, era amplamente estigmatizado e desaprovado tanto pelas instituições quanto pela comunidade em geral.

Apesar da estigmatização, é intrigante observar que, em determinadas situações, o casamento, mesmo que por vezes traumático, era considerado uma possibilidade para as mulheres escaparem das amarras da opressão familiar. Nesse contexto, o casamento podia ser percebido como um meio de alcançar alguma forma de liberdade. No entanto, essa aparente "saída" muitas vezes refletia a limitação das opções disponíveis para as mulheres naquela época, indicando que a liberdade era frequentemente relativa e subordinada às estruturas patriarcais e às normas sociais prevalentes.

Essa observação suscita uma reflexão profunda sobre as complexidades das escolhas femininas em um contexto social restritivo, onde até mesmo o ato de casar-se ou divorciar-se estava sob o escrutínio da sociedade e das instituições. Revela-se, assim, como as mulheres enfrentavam uma série de desafios e limitações em sua busca por autonomia e liberdade. Essa análise sutil evidencia as nuances das dinâmicas de poder de gênero presentes na sociedade retratada, sublinhando a necessidade de compreender as escolhas femininas dentro das complexas teias de expectativas sociais e estruturas normativas.

Ao refletir sobre os trechos discutidos até o momento, surge a intrigante indagação sobre o protagonismo das personagens femininas em sua busca pela liberdade. A verdadeira existência desse protagonismo é uma questão complexa quando consideramos que essas figuras femininas estão imersas na opressão e submissão intrínsecas à sociedade portuguesa da época. Contudo, ao analisarmos mais profundamente as entrelinhas dessas narrativas, podemos vislumbrar um florescer de protagonismo nas personagens, ainda que insuficiente para equipará-las aos privilégios e espaços reservados ao sexo masculino.

É inegável que essas personagens, mesmo enfrentando uma sociedade que as subjuga e desvaloriza, revelam uma centelha de protagonismo. Elas resistem, questionam e até mesmo rejeitam as normas que as aprisionam, evidenciando a força subjacente à sua determinação. No entanto, essa determinação muitas vezes colide com as barreiras impostas por uma estrutura patriarcal profundamente enraizada.

A trajetória dessas personagens destaca uma luta incessante contra os grilhões das tradições patriarcais. Mesmo quando sua resiliência brilha, elas continuam a enfrentar obstáculos formidáveis, carecendo do apoio e das forças necessárias para alcançar uma emancipação plena. As correntes culturais e sociais que as envolvem são persistentes, não permitindo que alcancem um protagonismo total em suas vidas.

Nesse contexto, podemos interpretar as obras da autora como uma tentativa sutil, mas perspicaz, de militância ao expor as tramas da ideologia patriarcal que envolve suas personagens. A escritora destaca as complexidades dessas lutas, pintando um quadro que evidencia o alcance limitado do protagonismo feminino em um cenário dominado por uma mentalidade profundamente enraizada.

Portanto, embora essas personagens possam ser consideradas protagonistas à sua maneira, sua luta pela liberdade se desenrola dentro de um contexto que muitas vezes restringe suas aspirações. A autora habilmente captura essa tensão entre a busca pela emancipação e as barreiras impostas por uma sociedade patriarcal, levantando questões pertinentes sobre gênero, poder e autonomia. Esses questionamentos ressoam não apenas no passado retratado nas obras, mas também nas nuances das dinâmicas contemporâneas de gênero, perpetuando diálogos essenciais sobre a evolução e os desafios contínuos enfrentados pelas mulheres.

A continuação das análises nos conduz a uma reflexão mais aprofundada sobre o protagonismo emergente das personagens femininas, notadamente na novela *Up do date*. Nesta trama, somos apresentados ao caso de Bia, uma jovem destinada a um casamento predefinido desde a infância, entrelaçada pelos laços familiares e sociais que moldavam seu destino. A disparidade geográfica e social entre Bia e seu primo Quim, principalmente quando ele se envolve com Helsa, uma encarnação da Mulher Moderna, serve como palco para o florescer de uma busca por liberdade e individualidade.

É fascinante notar que, diante da traição amorosa, Bia decide, com a conivência de sua avó, reagir matriculando-se em um colégio. O trauma do abandono age como um catalisador ideológico, proporcionando a Bia uma oportunidade de conquistar a liberdade que tanto anseia. Curiosamente, é novamente o papel masculino que impulsiona essa transformação positiva, capacitando-a a transcender de uma postura passiva para uma atitude ativa, englobando tanto o aspecto intelectual quanto o físico.

A disciplina rigorosa imposta ao corpo de Bia resulta em sua rápida perda de peso, e a escolha de usar calças torna-se um ato simbólico de afirmar sua autonomia. Como mulher ativa em busca de liberdade, Bia age imediatamente para transcender sua posição subalterna, rejeitando as estruturas sociais que antes a confinavam. Bourdieu destaca que a saia tinha uma "função semelhante à sotaina dos padres", coibindo ou desencorajando certos tipos de atividades (2002, p. 19). Bia, em parceria com sua avó, emerge como uma personagem que alcança a independência, desafiando as normas preestabelecidas.

A narrativa de Bia em *Up do date* captura a metamorfose de uma jovem inicialmente restringida pelas normas sociais em uma mulher ousada, capaz de romper com as expectativas convencionais. Seu processo de autodescoberta e empoderamento, estimulado por um evento traumático, personifica um tipo de protagonismo que, apesar das restrições, forja um novo caminho de liberdade e autenticidade. Nessa trajetória, a avó de Bia emerge como uma figura de apoio crucial, destacando a importância dos laços intergeracionais na quebra de ciclos de opressão e na busca por uma vida mais plena.

Ao contemplar essas reflexões sobre a busca individual por espaço e liberdade em meio a uma sociedade opressora, Pierre Bourdieu sustenta que a "vontade particular" de certas personagens facilita o acesso à emancipação, mesmo sem uma transformação profunda das forças simbólicas. Isso sugere que as

mulheres possuem a capacidade de se libertar individualmente dos padrões estabelecidos, inclusive contrariando-os. No entanto, a análise destaca a necessidade de reconhecer a interconexão entre as trajetórias individuais e as estruturas sociais mais amplas, alimentando assim a continuidade do diálogo sobre gênero, poder e autonomia.

No âmago da narrativa de *Um inglês*, a autora Maria Archer destaca uma figura feminina que é verdadeiramente livre, não apenas intelectualmente, mas também sexualmente. A personagem Annie, respaldada pelo apoio incondicional de seu pai, abraça sem reservas a sua própria sexualidade. Nesse retrato, identificamos uma crítica contundente da autora à sociedade portuguesa, especialmente pelas palavras assertivas do pai de Annie: "Essa ideia de ser desonrada por ações alheias é uma mentalidade portuguesa, ultrapassada no resto do mundo... Não vou comprometer o futuro de Annie para satisfazer os preconceitos dessa mentalidade antiquada..." (1949, p. 137).

O contraste evidente entre as reações do pai e da mãe de Annie acrescenta nuances à narrativa. Enquanto o pai, ao tomar conhecimento da gravidez da filha, permanece ao seu lado sem julgamentos, a mãe, preocupada com as aparências, expressa o desejo de condená-la ao altar da honorabilidade. Dentro do contexto da obra, a atitude do pai destaca-se como algo excepcional, fugindo aos padrões convencionais. A sociedade impõe, desde cedo, a normalização de atitudes machistas, restringindo a liberdade das mulheres e inculcando um padrão masculino que sustenta a suposta superioridade e atributos específicos ao homem, perpetuando-se por meio de feedbacks distorcidos da sociedade. No entanto, o pai de Annie desafia essa norma, proporcionando à personagem a oportunidade de exercer sua liberdade de escolha.

Essa quebra de paradigma, personificada pelo pai de Annie, ressoa como uma força de renovação, uma fissura na rigidez do machismo internalizado pela sociedade. Através de personagens como Annie e seu pai, a autora sugere que a liberdade e a igualdade não são inatingíveis para as mulheres, mesmo dentro de um cenário social que muitas vezes as oprime. Ao desafiar as expectativas tradicionais, essas personagens encarnam uma esperança de mudança e progresso em direção a uma sociedade mais equitativa e justa.

A narrativa de *Um inglês* não apenas destaca a autonomia de Annie, mas também se posiciona como uma crítica afiada às normas sociais que aprisionam as mulheres em padrões moralistas e conservadores. A escolha da autora em subverter as expectativas revela-se como uma ferramenta poderosa para provocar reflexões sobre a necessidade urgente de superar os estigmas associados à sexualidade feminina. Em última análise, a história de Annie transcende as páginas do romance, ressoando como um chamado à transformação e à aceitação de uma nova perspectiva sobre a liberdade e a igualdade de gênero.

Nas duas obras cuidadosamente analisadas, torna-se evidente a incessante busca das personagens femininas pela liberdade. No entanto, essa aspiração é constantemente restringida e canalizada em direção

a papéis tradicionais, transformando-as em figuras submissas no âmbito doméstico e em conformidade com as normas de uma sociedade patriarcal. As criações de Maria Archer, de certa forma, operam como um alerta vívido sobre os perigos e as amarras que as mulheres enfrentam, não apenas no período histórico em que as narrativas estão inseridas, mas também nos tempos contemporâneos.

As protagonistas das obras têm anseios e desejos genuínos de se libertarem das amarras do status quo, porém são frequentemente limitadas pelas expectativas sociais e pelas pressões familiares. A visão retratada por Maria Archer serve como um espelho penetrante, refletindo os desafios enfrentados pelas mulheres na busca por autonomia e igualdade. Suas narrativas oferecem uma lente crítica que nos permite enxergar como a submissão e a domesticação das mulheres foram historicamente enraizadas na sociedade.

A obra de Maria Archer não se limita a lançar luz sobre as restrições do passado; ela atua como um lembrete provocativo dos desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres. Ao apontar para as barreiras persistentes que moldam a liberdade e a trajetória das mulheres, a autora nos convoca a considerar os obstáculos que ainda permeiam a busca por igualdade de gênero e justiça.

Portanto, essas obras não são meros registros de um período específico da história, mas sim ecoam questões atuais com uma ressonância impactante. Elas nos incentivam a refletir sobre as complexidades e os padrões de opressão que continuam a influenciar a vida das mulheres, proporcionando um chamado à ação para uma transformação mais profunda e abrangente em nossa sociedade. Ao explorar as páginas dessas obras, somos confrontados não apenas com relatos do passado, mas com uma poderosa narrativa que desafia e inspira, alimentando a urgência de promover mudanças significativas em prol da igualdade e da liberdade para as mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões contidas neste trabalho reverberam as discussões em torno da desigualdade de gênero, da opressão, do patriarcado e do machismo, oferecendo uma compreensão mais profunda e matizada desses temas complexos. Dentro desse contexto, emerge a figura vibrante de Maria Archer como uma incansável defensora da causa feminina, especialmente quando se trata da busca pela liberdade intelectual, física e sexual das mulheres.

Ao explorar o contexto das novelas e a trajetória da própria autora, torna-se evidente que Maria Archer assumiu uma postura firme contra os moldes da opressão, recusando-se a conformar-se aos hábitos delineados por Bourdieu. Em vez disso, ela destaca e subverte estruturas arquetípicas que historicamente definiram o papel feminino, desmantelando-as e proclamando o direito das mulheres ao respeito e espaço

na sociedade. Dessa forma, Maria Archer não apenas se revela como uma escritora transgressora, mas também como uma figura icônica na literatura feminina e na literatura portuguesa como um todo.

Embora o protagonismo feminino em busca da liberdade não se destaque de maneira proeminente nas obras *Filosofia de Uma Mulher Moderna e Há-De Haver Uma Lei*, esses textos se configuram como manifestos literários criados em um momento crucial da história de Portugal, em franca oposição à ideologia patriarcal. As novelas de Maria Archer desempenham um papel crucial como veículo para apresentar perspectivas da sociedade muitas vezes negligenciadas pelos registros históricos convencionais.

As narrativas de Archer não apenas lançam luz sobre as complexidades das experiências femininas, mas também desafiam a normatividade social, impulsionando uma discussão profunda sobre as reivindicações das mulheres por liberdade e igualdade. Suas obras ressoam como manifestos na luta contra as amarras patriarcais, oferecendo uma visão única da história e da sociedade que continua a ecoar poderosamente nos dias de hoje. Ao examinar as páginas dessas obras, somos instigados não apenas a compreender o passado, mas também a considerar como as narrativas de Maria Archer têm o potencial de moldar um futuro mais equitativo e libertador para as mulheres em toda a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ARCHER, M. **Filosofia duma mulher moderna**. Porto: Simões Lopes, 1950.
- ARCHER, M. **Há-de haver uma lei**. Porto: Simões Lopes, 1949.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Trad.: M. H. Kurer. 2002.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- LIPOVETSKY, G. Sedução, publicidade e pós-modernidade. **Revista FAMECOS**, v. 7, n. 12, p. 7-13. 2008
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994. v.1.